

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E  
TECNOLÓGICO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

AFETIVIDADE E CONSTRUÇÃO DA LEITURA PELA CRIANÇA

MARTHA REGUEIRA ALVES

FORTALEZA-CEARÁ

2005

AFETIVIDADE E CONSTRUÇÃO DA LEITURA PELA CRIANÇA

MARTHA REGUEIRA ALVES

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

FORTALEZA-2005

## AGRADECIMENTOS

Ao professor José Adelito Regueira, professor da Universidade de Fortaleza - Unifor até março de 2003, onde partiu, continuando a sua vida ao lado de Jesus Cristo, depois de ter deixado tantos ensinamentos a inúmeros alunos, não apenas de conteúdos, mas ensinado a perceber o seu próximo e a se tornar importante para as pessoas. Eu agradeço a Deus por ter me dado este professor como pai, sempre presente na vida dos filhos e por tudo o que me ensinou, a ter cultivado em mim o amor e a valorização pela família.

Agradeço ao meu esposo e filhos pelas horas de renúncia ao meu lado, para que eu pudesse me dedicar ao meu curso.

## RESUMO

A importância da primeira infância é fundamental na vida de uma pessoa. O desenvolvimento da personalidade de forma saudável, depende de certas condições que os seus familiares oferecem principalmente a mãe. Para o recém-nascido, a sua mãe representa o próprio meio ambiente, pois ele é incapaz de perceber o mundo. Ele parte de um estado de dependência absoluta, para a aquisição da independência. Através deste ambiente que se faz através de uma mãe suficientemente boa, é que a criança desenvolve a capacidade de se vincular e estabelecer afeto. A presença do pai também é essencial na vida do filho, a sua participação só é possível com a permissão da mãe, que lhe permite a entrada numa relação que é apenas dela e do filho. O pai representa a lei, a ordem, o limite na vida do filho e a sua presença ajuda-o no desenvolvimento de outras áreas, principalmente das relações sociais. A ausência do afeto familiar pode trazer vários problemas ao desenvolvimento da criança, pois a falta de estímulo pode desencadear em quadros psicopatológicos, além de uma maior tendência a delinqüência, pela dificuldade em se socializar. Portanto a capacidade de se vincular tem a sua origem na família, partindo desta primeira experiência, a criança adquire a capacidade de estabelecer outros vínculos, com outros grupos, como a escola. Sentindo-se confortável dentro do grupo, com boa auto-estima, ela também não terá dificuldades em estabelecer vínculo com a leitura, adquirindo esta habilidade facilmente. Uma criança com auto-estima elevada estará mais bem preparada para enfrentar os desafios da vida, o próprio desafio de aprender a ler, enquanto a criança que tem auto-estima baixa apresenta-se com predisposição ao fracasso. A auto-estima é a peça-chave que dá sentido à vida, que impulsiona o processo que se dá entre ensino-aprendizagem. Para que isso aconteça é necessário a contribuição da família, como um ambiente estimulador para que se aprenda, e o ambiente escolar ser incentivador para que se aprenda com prazer.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
1. <b>O PAPEL DA FAMÍLIA COMO CONSTRUTORA DE AFETO</b> .....	8
1.1 A função materna .....	9
1.2 A função paterna .....	13
1.3 A ausência do afeto familiar .....	15
2. <b>AFETIVIDADE E LEITURA</b> .....	20
2.1. Auto-estima , baixa auto-estima e aprendizagem.....	22
2.2 A construção da leitura pela criança .....	29
CONCLUSÃO .....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

## INTRODUÇÃO

Muitas coisas acontecem no primeiro ano de vida da criança, o desenvolvimento emocional também ocupa lugar desde o início, assim como o desenvolvimento psicomotor num processo de evolução da personalidade.

A maior parte do tempo da vida passa-se em grupos. A criança já nasce dentro de um grupo- o grupo familiar- e, a partir desse momento, ela irá ampliando suas relações com o mundo, sempre se relacionando em grupos. Mesmo quando se está só a referência de valores e normas sociais advém dos grupos que se internaliza no decorrer da vida.

A reprodução da maternação começa a partir da primeiríssima relação mãe-bebê, no primeiríssimo período do desenvolvimento infantil. Essa situação é básica, da maior importância para o desenvolvimento psicológico do bebê.

Segundo Spitz (1991), todo o cuidado em que se dá na relação entre o sujeito e o objeto, mãe e filho, como amamentação, a forma de olhar, de se apresentar diante do bebê, influenciará a percepção, tornando-a importante ou sem importância. Os afetos irão determinar a relação entre percepção e cognição.

É por meio do primeiro grupo que a criança está inserida, ou seja, a família, onde se forma toda a base para o seu desenvolvimento emocional. O seu primeiro vínculo não-diferenciado parte da sua relação com a mãe para explorar novas descobertas e formar outros vínculos (Winnicott, 1997).

É através da relação com uma só pessoa que se repete uma história de vínculos, não existem relações impessoais segundo Pichon-Rivière (1988).

A importância do primeiro relacionamento do bebê com o seu cuidador afirmam os psicanalistas, traz sobrevivência mental e também física ao bebê, pois ele depende desse ambiente e relacionamento social. O desenvolvimento inicial consiste, evidentemente, na construção de um relacionamento social e emocional entre mãe e bebê, ambos no mundo e dentro da psique infantil.

A qualidade do cuidado condiciona também o crescimento do eu e a auto-imagem emocional básica da criança. O desenvolvimento da criança é inteiramente dependente do cuidado paterno e materno no ajuste entre suas necessidades e desejos e o cuidado que lhe é dado.

Esta monografia tem o objetivo de sinalizar a importância dos aspectos afetivos em todas as esferas da vida e principalmente na infância onde todas as conquistas da criança, como engatinhar, andar, falar, aprender a ler e a escrever, ao existindo alguém ao lado, confiando e aprovando as suas conquistas, ela se desenvolverá melhor e com segurança.

Quando a criança é emocionalmente inteligente, pode-se dizer que está preparada para lidar com os riscos e os desafios futuros ( Pichon-Rivière, 1988).

## 1. O PAPEL DA FAMÍLIA COMO CONSTRUTORA DO AFETO

As possibilidades de desenvolvimento físico e psíquico da criança dependem das condições materiais e emocionais que lhe oferecem os seus familiares e, em especial a mãe. A falta de defesa da criatura humana ao nascer confirma essa dependência.

O ambiente familiar constitui o esteio indispensável em que o ser humano se apóia para construir as bases de sua personalidade.

A criança é parecida com uma planta. No interior de uma semente está o código genético que determina em que a semente se transformará. Uma semente de mamão não produz uma banana. É necessário ter as condições apropriadas como sal, água e nutrientes para que a semente se desenvolva e o resultado seja uma planta adulta sadia. Toda criança é única e nasce com um esplêndido conjunto de potencialidades que se tornarão realidade, caso as condições adequadas para o crescimento estiverem presentes durante a infância.

Toda a condição não satisfeita faz com que a planta desenvolva anormalidades específicas. A insuficiência de água e sol compromete seu crescimento e conseqüentemente a produção de folhas, flores e frutos.

Quando as crianças têm o que precisam para crescer, é natural o desenvolvimento do bom caráter, da personalidade sadia e das habilidades necessárias. A falta daquilo que elas necessitam, compromete o seu desenvolvimento emocional e social.

Aquilo que é necessário para o crescimento saudável encontra-se inicialmente na família.

A importância da família no desenvolvimento infantil tem sido objeto de estudo. Muita coisa acontece no primeiro ano de vida da criança; segundo Winnicott (1997), o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio. Do

nascimento, às primeiras horas de vida e os primeiros dias são experiências significativas para o desenvolvimento da personalidade e do caráter.

Na verdade estas primeiras experiências de vida lançam as fundações da saúde mental do ser humano. Assim como o bebê se desenvolve nos aspectos psicomotores, como começar a engatinhar, andar, pronunciar as primeiras palavras, também há um processo evolutivo no desenvolvimento emocional.

A mãe compensa e supre aquilo que falta a uma criança, provendo a satisfação de todas as suas necessidades. Como resultado, se dá uma relação complementar, uma díade.

Na medida em que, no decorrer do primeiro ano de vida, as potencialidades da criança se desenvolvem, ela se torna independente de seu ambiente. Esse processo, obviamente, ocorre tanto no setor somático como no setor psicológico da personalidade da criança.

O recém-nascido tem o seu início em um estado de não diferenciação, pois nele não pode ser demonstrada ainda a existência de funcionamento psíquico, portanto ele e sua mãe fazem parte de um todo, não havendo separação entre ele e o meio.

Será apresentado a seguir o papel fundamental que exerce a mãe na construção do vínculo e como se dá o processo de diferenciação do recém-nascido e sua mãe.

### 1.1. A FUNÇÃO MATERNA

Para o recém-nascido, a mãe ou um substituto dela, se constitui no seu meio ambiente. Ele não se diferencia de sua mãe, é simplesmente parte da totalidade em um sistema fechado, que consiste em apenas dois componentes; a mãe e o filho. Esta relação cria para o bebê um mundo exclusivo, que é bem dele, com um clima emocional específico. É este ciclo de ação e reação que

torna o bebê capaz de transformar gradualmente os estímulos sem significado em signos significativos. Spitz (1991).

No início o bebê é incapaz de perceber o mundo, já no segundo mês o ser humano começa a adquirir um lugar especial entre as coisas que o rodeiam por ser ele que sempre aparece todas as vezes que uma de suas necessidades é satisfeita. Assim, o rosto humano se torna associado à supressão do desprazer assim como a experiência do prazer.

Não é à toa que na maioria dos casos, o bebê de peito olha fixamente para o rosto da mãe, de modo constante, durante o ato de amamentação, sem desviar os olhos, até adormecer no seio. Entretanto, a amamentação não é o único trabalho de assistência da mãe, onde o bebê observa o rosto da mãe. Qualquer outra coisa que se faça, como ao levantá-lo, dar banho, trocar as fraldas, etc. O rosto da mãe estará sobre o enfoque da criança, ao fitá-la nos olhos, falar com ela, balançar a cabeça, estará oferecendo o estímulo visual mais freqüente e eficaz nos seus primeiros meses de vida.

Ao entrar no segundo mês, o bebê responderá de forma intencional ao rosto do adulto com um sorriso, não significando ainda uma relação objetal, pois esta se dará aproximadamente após a idade de seis meses onde as reações de sorriso serão reservadas para as mães, os amigos, para seus objetos de amor, e não sorrirão para estranhos.

Então as reações de sorriso antes dos seis meses é causada por um indicador gestáltico, uma gestalt-sinal que é uma configuração no rosto humano, (consiste na região testa-olhos-nariz) não num rosto individual específico, mas em qualquer rosto que lhe seja apresentado de frente e em movimento. Esta fase é denominada pré-objeto. Em um desenvolvimento posterior o bebê distinguirá um rosto entre muitos e transformará o que era apenas uma gestalt-sinal em seu único objeto próprio de amor individual, estabelecendo então o seu objeto libidinal, seu objeto de amor. (Spitz, 1991).

Uma vez que o objeto é estabelecido, a criança não pode se enganar mais em relação a ele. Esta exclusividade garantida capacita a criança a formar os vínculos que conferem ao objeto suas propriedades peculiares. A ansiedade

dos oito meses é a prova de que, para a criança todos são estranhos, com exceção do único objeto; melhor dizendo, a criança encontrou o parceiro com quem pode formar relações objetais no verdadeiro sentido do termo.

Através desta experiência, o bebê aprende a se vincular, a estabelecer afeto. Portanto esta relação do bebê e da mãe é uma relação de troca, é o mútuo dar e receber. A mãe é a parceira humana do filho, que serve de mediador a toda percepção, toda ação, todo insight, todo conhecimento.

O amor e afeição pelo filho o tornam um objeto de contínuo interesse para a mãe, oferecendo ao filho experiências vitais. A criança responde afetivamente a esse afeto. Isso é fundamental na infância, pois os afetos nesta idade são de suma importância, mais do que em qualquer outra época.

A atitude emocional da mãe servirá para orientar os afetos do bebê já que o aparelho perceptivo ainda não amadureceu, portanto na nossa cultura a mãe representa o próprio ambiente da criança.

Segundo Winnicott (1997), é o ambiente inicialmente representado pela mãe ou por um de seus substitutos que vai permitir o desenvolvimento psíquico saudável.

Apenas na presença dessa mãe suficientemente boa, chamada assim por Winnicott por significar que o bebê pode conviver com ela sem prejuízo para sua saúde psíquica. Ela representa por assim dizer o ambiente suficientemente bom, onde a criança poderá iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real, podendo experimentar um sentimento de continuidade da vida, é o verdadeiro self, de um verdadeiro eu, ou seja, a pessoa que se constrói.

Se esta mãe não for suficientemente boa, o self verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso self.

Portanto, tendo a criança uma mãe boa o suficiente, pode começar seu desenvolvimento. Os bebês bem cuidados rapidamente estabelecem-se como pessoas, quando o par mãe-filho funciona bem, o ego da criança é forte, fazendo com que cedo ela se torne ela mesma, isto é uma criança estruturada para enfrentar as dificuldades da vida.

Segundo Winnicott (1997), o bebê atravessa na sua infância, duas fases que são; primeiramente a fase inicial, desde o nascimento até os seis meses, em que a criança pequena acha-se num estado de dependência absoluta em relação ao meio, isto é, à mãe. Ele desconhece o seu estado de dependência, ele e o meio são uma coisa só.

Portanto a grande mudança que se testemunha no primeiro ano de vida refere-se à aquisição de independência. A independência é algo que se realiza a partir da dependência. No início, há uma dependência absoluta em relação ao ambiente físico e emocional. Com um ano de idade, a criança já é capaz de manter viva a idéia da mãe e também do tipo de cuidado que se acostumou a receber. Ela já internalizou a presença da mãe, e é a partir dessa relação única entre mãe e filho, que ele vai se constituir como indivíduo, a personalidade tornou-se integrada.

A criança de um ano por vezes é uma pessoa inteira que também se relaciona com outras pessoas inteiras. Isto é uma aquisição que se desenvolve gradualmente, e só vem à existência de fato quando as condições são suficientemente boas (Winnicott, 1997).

Esta integração não é algo automático, é algo que se desenvolve pouco a pouco em cada criança individual, dentro de um processo que requer certas condições ambientais, principalmente a presença da própria mãe e os cuidados que ela pode oferecer. É assim que a criança naturalmente se desenvolve, o seu crescimento emocional ocorre a partir de uma outra pessoa, no caso a mãe, é em geral a pessoa mais adequada e que tem mais condições de entregar-se a criação do filho.

As funções maternas resumem-se praticamente em três; que é a função materna de apresentação do objeto através do seio ou da mamadeira, a segunda função corresponde à sustentação, a mãe protege o bebê dos perigos físicos, através dos cuidados cotidianos, ela instaura uma rotina, que se torna importante para se dar estabilidade e integrá-lo no tempo e no espaço. Os próprios cuidados físicos, ao segurá-lo no colo, não apenas o apara fisicamente mais psicologicamente. A terceira função da mãe se exerce através da

manipulação do bebê enquanto ele é cuidado. Por exemplo, ao dar banho e trocar as fraldas do bebê, proporciona seu bem-estar físico e com isso realiza uma união entre sua vida psíquica e seu corpo. Chamando-a Winnicott de personalização.

Já na segunda fase que vai aproximadamente dos 6 meses aos 2 anos, a criança se encontra num estado de dependência relativa, percebe a mãe separada dela, sendo também percebidas as outras pessoas da família, como o pai.

## 1.2. A FUNÇÃO PATERNA

O envolvimento da mãe com outras pessoas como o pai é um fator importante para que a criança perceba a realidade. O papel do pai é essencial para a criança em sua diferenciação do eu. O pai também a capacita para uma diferenciação de objetos mais firme.

A criança ao comparar pai e mãe, ou a mãe e outras pessoas importantes com quem ela se relaciona, percebe a existência da mãe como pessoa separada, e também as qualidades especiais da mãe, descobrindo que nem todas as pessoas do seu mundo lhe dão estes cuidados.

Embora o pai represente a realidade para a criança, ele é ao mesmo tempo figura fantasiosa cujos contornos, por estarem menos ligados a experiências relacionais objetivas concretas para a criança, devem ser imaginados e, portanto freqüentemente, idealizados. Como uma pessoa especial que não está presente, mas é claramente importante para a mãe (Soifer, 1982).

É através da mãe que a entrada do pai na vida da criança é autorizada, é a própria mãe que faz o papel de porteira, estimulando ou desencorajando o envolvimento do pai na criação dos filhos.

Depende da atitude da mãe, que o pai conheça ou não o seu bebê. O pai geralmente passa mais tempo fora de casa, trabalhando e preocupado com

o sustento de quem depende dele. É necessário o estímulo da mãe para que ele participe da vida do bebê sem se sentir um intruso. Ela deve deixá-lo participar dos pequenos cuidados, porém não se deve supor, em todo caso, que seja uma boa coisa para o pai entrar prematuramente em cena.

Outro ponto que faz valiosa a presença do pai é que ele é necessário em casa para ajudar a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito. Uma criança percebe como se dá a relação com seus pais, se tudo transcorre em harmonia, ela se sente mais segura e feliz.

O pai também dá apoio moral à mãe, ele representa a lei e a ordem que a mãe implanta na vida da criança. Ele é a própria autoridade e para que isso ocorra, não precisa estar presente todo o tempo para cumprir essa missão, mas não ficar ausente.

A mãe está presente na maior parte da organização da vida de uma criança, e deve conduzir a vida dos filhos com autoridade também, mas se tudo o que os filhos necessitam tiver de ser fornecido por ela, inclusive a fortaleza ou o rigor que deveria ser provido pelo pai, virá sobre os ombros dela um fardo muito pesado, pois ela terá que representar tudo para o seu filho. Como consequência pela ausência do pai, o filho terá aversão à mãe.

Outra necessidade da presença do pai na vida da criança é que ela precisa conhecer as suas qualidades positivas e as coisas que o distinguem de outros homens (Winnicott, 1982).

Segundo um pesquisador, nas famílias em que pai e mãe trabalham, o envolvimento do pai com os filhos é até três vezes menor que o da mãe, e a assistência que ele realmente dá aos filhos toma apenas 10% do tempo, fazendo com que se tornem alienados da vida dos filhos.

Quando o pai é ausente, distante ou vive pensando em outras coisas, a criança sai perdendo revela Gottman (1997).

O pai tem outro tipo de relacionamento com os filhos, seu envolvimento propicia o desenvolvimento de outras áreas principalmente das relações sociais.

Segundo Gottman (1997) em suas pesquisas, as crianças que melhor se saíram em termos de relacionamento com os colegas e desempenho acadêmico, foram aquelas cujo pai legitimava seus sentimentos e elogiava suas conquistas. Este era o pai preparador emocional, que sem desprezar nem desaprovar as emoções negativas de seus filhos, orientava-os com empatia, ajudando-os a lidar com os sentimentos negativos.

As crianças que tinham mais dificuldade na escola e mais problemas de relacionamento, eram filhos de pai frio, autoritário, evasivo que está sempre humilhando os filhos e criticando seus erros.

O pai que quer imunizar seus filhos contra forças destrutivas como gangues, drogas e promiscuidade sexual, tem que estar presente na vida dos filhos, tanto emocionalmente quanto fisicamente. A segurança da criança vem do coração do pai.

“Os bons pais começam agindo com o coração, e assim continuam a cada momento, segurando os filhos quando os ânimos se exaltam, quando eles estão tristes, irritados ou com medo. Em essência ser pai ou mãe é estar presente nos momentos importantes” (Gottman, 1997, p.18 ).

### 1.3. A AUSÊNCIA DO AFETO FAMILIAR

Muitas mães e pais, em virtude de dificuldades sociais, familiares e pessoais, não conseguem fornecer a criança condições suficientemente boas à época de seu nascimento.

Em termos globais ela não tem a capacidade de se identificar com as necessidades do filho, ela é negligente, inconstante e não dá segurança ao bebê, constituindo nele um falso self. A organização da vida psíquica baseada num falso self leva o indivíduo a experimentar um sentimento de irrealidade a respeito de si mesmo, dos outros e da vida em geral. Segundo Winnicott (1997), esta é a mãe insuficientemente boa.

Outra situação é quando o bebê é cuidado por diversas pessoas. A criança depara então com uma mãe dividida em pedaços. As falhas de adaptação da mãe provocam carências na satisfação das necessidades e criam obstáculos ao desenrolar dos processos vitais. A existência de um grau razoável de adaptação às necessidades da criança é o que melhor possibilita o rápido estabelecimento de uma relação forte entre psique e soma.

Quando o bebê é privado dessa mãe, sadia o suficiente para comportar-se naturalmente como mãe, a maturação do eu não pode efetuar-se e o desenvolvimento das funções principais fica bloqueado ou distorcido. A mãe não cumprindo sua função de sustentação do eu, o que surge é uma angústia impensável. Ele se sente ameaçado, tendo a sensação de despedaçar-se, ter a impressão de uma queda infundável, sentir-se levada para alturas infinitas, não ter relação com o próprio corpo e, por fim, não ter orientação espaço-temporal.

É o ambiente circundante que faz com que uma criança possa crescer de forma saudável. Sem um ambiente confiável, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar ou quando se desenrola, apresenta distorções. Outro ponto importante é que cada criança seja olhada de forma diferente, de acordo com o seu jeito de ser, e que possa se adaptar de modo específico às necessidades de cada uma.

Estando sempre presente (alma e corpo), pode-se proporcionar estabilidade e segurança a criança livrando-a do inesperado, de um mundo que ainda não é compreendido ou conhecido (Winnicott, 1997).

Dependendo da maneira como o bebê consegue arranjar-se com isso, ele vem ou não a evoluir para uma forma de organização patológica da personalidade.

Algumas patologias que poderiam se desenvolver em decorrência do desamparo são:

- A esquizofrenia infantil ou autismo; a criança perde o contato com a realidade, vive num mundo imaginário, ela não desenvolve vínculos, isola-se.

- A esquizofrenia latente; poderá manifestar-se em fases de tensão e fadiga.
- O estado limítrofe; o paciente se apresenta como neurótico, porém o distúrbio é de natureza psicótica.
- A personalidade construída com base num falso self; é o traço principal da reação do bebê às falhas de adaptação da mãe. Frente a uma mãe incapaz de sentir suas necessidades, o bebê renuncia à esperança de vê-las satisfeitas. Adapta-se a cuidados maternos que não lhe convêm, submete-se às pressões de uma mãe que lhe impõe uma maneira inadequada de exprimir suas tendências inatas e que, por conseguinte, obriga-o a adotar um modo falso e artificial. O bebê desenvolve uma personalidade construída a partir de um falso self. A organização da vida psíquica baseada num falso self leva o indivíduo a experimentar um sentimento de irrealidade a respeito de si mesmo, dos outros, e da vida em geral. Por isso, sua capacidade de adaptação ao ambiente é hipertrofiada.
- A personalidade esquizóide; refere-se a uma personalidade sadia na qual encontramos elementos esquizóides proveniente do emprego de mecanismos de clivagem.

Segundo Winnicott (1995), a personalidade construída com base num falso self, constitui-se principalmente da reação do bebê às falhas de adaptação da mãe. Diante de uma mãe incapaz de sentir suas necessidades, o bebê renuncia à esperança de vê-las satisfeitas.

O bebê é obrigado a se adaptar ao modo de ser de uma mãe, de uma forma falsa e artificial e não natural dele mesmo. Portanto a sua organização da vida psíquica, fundamentada em um falso self, leva o indivíduo a experimentar um sentimento de irrealidade a respeito de si mesmo, dos outros e da vida em geral. A sua capacidade de adaptação ao ambiente fica hipertrofiada.

Spitz (1991) estudou o comportamento de crianças colocadas em instituições durante o primeiro ano de vida. Aquelas que não tinham oportunidade de interagir com os adultos, mesmo recebendo alimentos e remédios quando doentes, apresentavam, depois de seis meses, reflexos diminuídos e retardados, como se não percebessem o que estava acontecendo ao seu redor.

Em média, esses bebês apresentaram um retardo grande de linguagem e dificuldades na exploração do mundo. Quando frustrados, não reagiam, atuavam passivamente, como que conformados com a situação.

A falta de estímulos pode levar o indivíduo a quadros psicopatológicos e, em casos extremos, até a morte. “As solitárias amedrontam até os mais experientes delinquentes. Um local fechado, sem nenhum contato humano, pode levar o indivíduo à loucura” (Shinyashiki, 1985. pg. 20,21 ).

Shinyashiki relata sobre uma pesquisa com macacos recém-nascidos onde se chegou a conclusão que a estimulação tátil é tão importante quanto o alimento no desenvolvimento dos comportamentos.

De acordo com esta experiência, os macaquinhos foram colocados diante de duas mães substitutas, uma feita de pano, outra de arame. Os filhotes afeiçoaram-se à mãe de pano, embora a mamadeira estivesse no peito da mãe de arame. Eles apenas saciavam a fome e logo depois voltavam para a mãe de pano. Quando um estímulo que produzia medo era colocado na gaiola, os macaquinhos também corriam para a mãe de pano. Junto dela, sentiam-se mais seguros para arriscar-se e para explorar o meio ambiente, mesmo na presença do estímulo de medo.

Os macacos criados em solidão apresentaram quadros graves de comportamento: evitavam todo contato social, pareciam sempre amedrontados e tinham uma postura de encolhimento e de abraçar-se a si mesmo. Se o período de isolamento durasse mais um ano, a situação se tornaria irreversível.

Conclusão: todos necessitam de uma quantidade mínima de afeto, sem o qual a pessoa começa a apresentar um quadro de privação de estímulos, que como foi visto pode levá-la à loucura.

A criança carente, mais velha, tem como característica a incapacidade de ser afetiva a qual, do ponto de vista clínico, demonstra uma tendência anti-social e é potencial candidata a delinqüência (Winnicott, 1997).

## 2. AFETIVIDADE E LEITURA.

Segundo Pichon-Rivière (1988), o vínculo é uma forma particular que o “eu” tem de se relacionar com a imagem de um objeto colocado dentro do sujeito, é uma relação interna e externa com o objeto.

É a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento. Tudo aquilo que realizamos em nossa mente, todo nosso pensamento, está sempre em relação com outro.

O vínculo pode se dar com objetos animados e com objetos inanimados. Pode-se estabelecer vínculo com uma casa, com uma mesa, um livro, etc. Cada um desses vínculos tem um significado particular para cada indivíduo. No vínculo está implicado tudo, ele é sempre um vínculo social. Ele é estabelecido pela totalidade da pessoa e não por uma parte da mesma. O aparelho psíquico se comporta como uma totalidade. Pichon-Rivière (1988), concebe o vínculo como uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que engloba tanto o sujeito quanto o objeto.

O conceito de vínculo está relacionado a um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa, pois é através da relação com esta pessoa que se repete uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados. Não existem relações impessoais.

Os vínculos internos e externos se integram em um processo que configura uma permanente espiral dialética. Produz-se uma passagem constante daquilo que está dentro, para fora, e do que está fora, para dentro.

Quando a criança depende totalmente de seu objeto mãe, o vínculo se dá por relação de não-diferenciação do objeto. A partir da intervenção do pai ou de outra terceira pessoa a criança entra em um processo de diferenciação. Então a partir do seu primeiro vínculo que é sua mãe, ela desenvolve uma

estrutura capaz de se vincular mesmo a objetos diferenciados, tantos animados como inanimados.

A leitura é um objeto a ser conquistado pela criança, porém para que ela venha a ter prazer e dominá-la é necessário em primeiro lugar se estabelecer um vínculo com o objeto a ser dominado.

Muitos professores queixam-se que seus alunos não gostam de ler, outros afirmam que muitos alunos estão com dificuldades na leitura. Quando crianças chegam a última série do ensino fundamental sem terem adquirido o domínio da leitura, quando outros estão nas salas de aceleração para que sejam alfabetizadas, o professor deve levar em consideração como está a capacidade desta criança em estabelecer vínculos, porque o vínculo com a leitura não foi efetivado? É algo sem sentido para muitos deles, desinteressante.

Além desta falta de importância, de expectativas tão distantes, muitos alunos por causa de suas histórias, por não terem tido esta primeira relação afetiva na infância, desenvolvem dificuldades em estabelecer vínculos.

Portanto o professor tem um papel fundamental no processo da aquisição da leitura. Ele será o responsável em construir esta ponte entre o aluno e a leitura, fazendo com que esta prática seja significativa. Cabe ao professor da educação infantil uma ação no cotidiano visando a integrar todas as crianças no grupo, proporcionando diversas oportunidades de integração com a leitura, ele deve buscar todos os recursos necessários na construção desta ponte, empregar todos os esforços e não esgotá-los, pois depois de construída esta ponte, o seu aluno andarará por ela. Ao colocar uma placa na testa do aluno de "atrasado" o professor deveria colocar também no seu currículo "fracassado".

Para exemplificar o que significa construir esta ponte, uma professora da alfabetização teve como aluno uma criança portadora da síndrome "X frágil". A mãe pediu a oportunidade para que fizesse a alfabetização, pois no jardim não teve muitos avanços. A professora percebeu que a primeira atitude que deveria tomar era de acreditar que ele poderia progredir, pois se acreditasse nele e no

seu potencial, sem compará-lo às outras crianças, ele se sentiria mais confiante e confortável para construir esta ponte juntamente com a professora. E foi o que aconteceu, o seu desenvolvimento foi notório, a cada passo recheado de incentivo, a sua auto-estima foi aumentando, portanto a sua interação com a leitura começou a se desenvolver, no final do ano já conseguia fazer uma leitura lenta, porém compreendendo o significado do que lia e também na escrita, elaborando textos coerentes, porém ainda com ajuda. O importante que tudo o que ele conseguia realizar sozinho ou com ajuda, era bem recebido, com parabéns! Você conseguiu.

Existem muitos métodos para se alfabetizar, várias teorias, mas se o professor não acreditar que o seu aluno é capaz e crê nas suas possibilidades de conquista, é o mesmo que fazer um bolo e não colocar fermento, você tem todos os ingredientes necessários, só não tem aquele que vai fazer o bolo crescer, o fermento, no caso o afeto que é o elo essencial para unir e dar sentido a todas as relações sociais.

## 2.1. AUTO-ESTIMA, BAIXA AUTO-ESTIMA E APRENDIZAGEM.

A auto-estima é a base do crescimento positivo nas relações humanas, no aprendizado, na criatividade e na responsabilidade pessoal.

Quando as crianças têm forte senso de auto-estima, sentem-se bem. Se a auto-estima está em baixa, elas se sentem mal. A pouca auto-estima limita a capacidade de alcançar sucesso na aprendizagem, nos relacionamentos humanos e em todas as áreas produtivas da vida.

A auto-estima é um sentimento que sempre se expressa na maneira como as pessoas agem. A auto-estima nas crianças é observada mediante o que fazem e como fazem as coisas.

As características da criança que tem boa auto-estima são:

- Tem orgulho de suas realizações.

- Age com independência.
- Assume responsabilidade facilmente.
- Tolerar bem as frustrações.
- Enfrenta com entusiasmo novos desafios.
- Sente-se capaz de influenciar os outros.
- Demonstra uma ampla série de emoções e sentimentos.

A criança com pouca auto-estima evita:

- Situações que provocam ansiedade.
- Rebaixa os talentos que tem.
- Sente que os outros não a valorizam.
- Culpa os outros pelas próprias fraquezas.
- É influenciada pelos outros com facilidade.
- Torna-se defensiva e fica frustrada com facilidade.
- Sente-se impotente.
- Demonstra uma série restrita de emoções e sentimentos.

Portanto é necessário observar o padrão de comportamento da criança para se saber como está sua auto-estima, baixa ou alta, pois a sua forma de agir irá influenciar no seu comportamento e aprendizagem.

A auto-estima está intrinsecamente ligada ( a maneira como as crianças se sentem a respeito de si mesmas ) com o conceito que elas tem de si mesmas ).

A maneira de agir da criança resulta de crenças e sentimentos sobre si mesmo. Basicamente ela irá agir pelos seguintes motivos:

- Buscando elogio e aprovação, procura agradar aos outros.

- Tentará buscar confirmar sua auto-imagem para os outros e para ela mesma. Se a criança se julga boa, tende a agir bem, ao contrário se má, tende a buscar crítica e punição.
- A criança tenta agir para manter uma auto-imagem consistente, pois é difícil mudar algo a respeito de si mesmo que expresse uma crença básica.

Em geral, as crianças com muita auto-estima têm bons relacionamentos com os outros. As crianças com pouca auto-estima ou são agressivas demais ou excessivamente acanhadas nas relações interpessoais e, assim, não agradam aos outros.

As relações são muito importantes para a criança com pouca auto-estima. Ela busca nos outros o apoio e a aprovação que não consegue dar a si mesma. Mas essa criança tende a deturpar as comunicações e interpretar mal as atitudes das pessoas, acreditando que os outros pensam dela o que ela pensa de si mesma. Por causa disso, frustram-se os esforços das crianças para serem amistosa com uma criança que tem pouca auto-estima.

Se a criança sente que os outros não a estimam nem valorizam, antecipa essas atitudes para com ela, quer as atitudes estejam presentes, quer não estejam.

A auto-estima que a criança aos poucos desenvolve é, em grande parte, interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo.

Segundo Winnicott (1986) é no cuidado materno que tudo começa, a identificação e percepção em como está se sentindo propicia ao bebê satisfação e segurança.

“Num ambiente que propicia um segurar satisfatório, o bebê é capaz de realizar o desenvolvimento pessoal de acordo com suas tendências herdadas. O resultado é uma continuidade da existência que se transforma num senso de self, e finalmente resulta em autonomia” (Winnicott, 1986, p.22 ).

A importância da mãe, ou de uma figura substituta, que proporciona segurança, confiança e acolhimento. A presença desses fatores é que dará

uma base para que este sujeito se desenvolva. Num ambiente emocional contrário e rejeitador, poderá haver neste sujeito fragilidade, dependência, desconfiança e medo.

A auto-estima é uma reação afetiva, uma avaliação de quem você é.

Segundo Amorim (2001), existem quatro tipos de auto-estima:

- Auto-estima elevada, estas pessoas estão mais bem preparadas para enfrentar os desafios da vida, pois vivenciaram experiências associadas a êxitos;
- Auto-estima baixa, onde a pessoa se apresenta com predisposição ao fracasso, ficando disponível a graus variáveis de depressão;
- Auto-estima narcisista, a pessoa vê a si mesmo como competente, mesmo que isso não seja verdadeiro;
- Pseudo auto-estima que implica uma deficiência no merecimento, distorcendo assim a percepção. Neste caso a pessoa é incapaz de experimentar satisfação com seus sucessos e luta constantemente por demonstrar seu valor.

Portanto as manifestações da auto-estima dependerão das experiências vivenciadas inicialmente pelo sujeito, na relação com a mãe. É neste primeiro vínculo que o sujeito será preparado para lidar com os desafios da vida, de forma autônoma, saudável e esperançosa.

Segundo Branden (1999) a importância de uma avaliação positiva de si mesmo é ingrediente necessário a uma vida saudável, a auto-estima é um fator indispensável à conquista do direito de ser feliz.

“Auto-estima é a confiança em nosso direito de vencer e sermos felizes, a sensação de que temos valor, e de que merecemos e podemos afirmar nossas necessidades e aquilo que queremos, alcançar nossas metas e colher os frutos de nossos esforços” (Branden, 1999, p.22).

O nível de auto-estima de cada criança é o produto de duas avaliações ou dois julgamentos internos. De início, cada criança experimenta algum grau de discrepância entre aquilo que gostaria de ser (ou pensa que deveria ser) e aquilo que acha que é – entre seu self ideal e o que percebe como seu self real. Quando essa discrepância é pequena, a auto-estima da criança, muitas vezes é alta. Quando a discrepância é grande, quando ela percebe que não está vivendo de acordo com seus objetivos ou valores a auto-estima é muito mais baixa. O segredo da auto-estima é o tamanho da discrepância entre aquilo que a criança deseja e aquilo que acha que conseguiu.

A criança terá uma elevada auto-estima se for boa naquela habilidade que ela valoriza.

A segunda maior influência sobre a auto-estima de uma criança é o sentimento global que ela experimenta nas pessoas importantes que a cercam, em especial os pais e amigos.

As crianças que sentem quando as outras pessoas geralmente gostam delas da maneira que são, terão uma auto-estima melhor do que as crianças que relatam menos apoio geral.

Segundo Gottman (1997), quando os pais compreendem os filhos e os ajudam a lidar com sentimentos negativos como raiva, tristeza e medo, os pais constroem elos de lealdade e afeição.

Aceitação, obediência e responsabilidade vêm do amor e da ligação que a criança sente em sua família. Assim as interações emocionais entre os membros da família passam a ser a base da transmissão de valores e da formação de pessoas corretas.

Quando a criança percebe que o apoio dos pais é contingente a um bom desempenho em alguma área, como tirar boas notas, ser escalada para o time de futebol, ser popular com as outras crianças, etc, não se sentindo a altura do padrão de seus pais, ocorrerá então maior discrepância entre o ideal e a realização, trazendo uma combinação mortal para a auto-estima da criança.

As crianças podem ter um conceito “negativo” de si mesmas. Isso significa que, a respeito de questões ou áreas específicas de suas vidas, acreditam que são más, incompetentes, etc. Quando a criança acreditar possuir tais características negativas, tende a expressá-las como se fossem positivas, buscando a confirmação delas e sendo coerente com elas.

Exemplo: A criança que em casa lê bastante, mas não partilha essa parte de si mesma na escola, porque sua imagem ali é a de um palhaço, pela qual ela recebe aprovação dos colegas. Outra criança que sente não estar à altura de seus colegas em algum aspecto das atividades escolares provavelmente rejeita a evidência do sucesso, desprezando-a como sorte. Quando as crianças têm pouca auto-estima, seu comportamento reflete isso. A auto-estima é um dos mais importantes fatores que influenciam o aproveitamento escolar. Pode ser que crianças com inteligência superior, mas com a pouca auto-estima, saiam-se mal na escola, enquanto crianças com inteligência mediana e muita auto-estima tenham um aproveitamento excepcional.

As crianças com pouca auto-estima tendem a obter pouca satisfação na escola. Perdem o interesse e a motivação com facilidade e tendem a concentrar muita energia nas questões que afetam os sentimentos que nutrem a respeito de si mesmos, relacionamento com os outros, problemas, medos e ansiedades. Elas dedicam menos interesse às tarefas escolares.

Com freqüência, as experiências que reforçam a falta de auto-estima relacionam-se com a escola, produzindo ansiedades com as quais a criança se ocupa continuamente. A falta de auto-estima impede o bom desempenho escolar, e o mau desempenho leva à falta de auto-estima. Transformando-se isso em um círculo vicioso do qual. Com o passar do tempo, fica cada vez mais difícil para a criança sair.

À medida que as crianças vão ficando mais atrasadas, maior ênfase é dada às atividades de recuperação. As crianças ficam imersas em uma série contínua de fracassos e autodifamação, enquanto são esquecidas as questões especiais referente à sua auto-estima.

Quando excessiva, a ansiedade interfere na aprendizagem. As crianças sem auto-estima lidam com questões que resultam em ansiedade e interferem na aprendizagem. À medida que aumenta a auto-estima, a ansiedade diminui, dando a criança maior motivação para as tarefas de aprendizagem.

O professor exerce um papel fundamental para o desenvolvimento da auto-estima, portanto deve ter o cuidado para não fazer julgamentos comparativos entre as crianças, umas com as outras e com padrões fixos.

A crença do professor na capacidade e no potencial de um determinado aluno tem um efeito pequeno, mais significativo, sobre o seu comportamento em relação a esse aluno e sobre a sua realização escolar.

A maneira como cada um vê a si próprio depende também do modo como é visto pelos outros. O modo como os traços particulares de cada criança são recebidos pelo professor, e pelo grupo em que se insere tem um grande impacto na formação de sua personalidade e de sua auto-estima, já que sua identidade está em construção.

Portanto cuidar da auto-estima por parte dos pais e professores vai além do apoio, é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano, significa valorizar e ajudar a desenvolver suas capacidades, o seu potencial. Isto é estar comprometido com o outro, com a sua formação.

Educação a serviço da vida exige este comprometimento com o aluno, não apenas com o conteúdo, é necessário que o professor fique atento ao desenvolvimento de habilidades pessoais como uma das estratégias de ação para a promoção da auto-estima.

Deve-se levar em conta as inteligências pessoais segundo Gardner (1996), pois isto proporcionará para as crianças e adolescentes relações saudáveis consigo mesmas e com os outros.

O professor precisa ser capaz de acolher seu aluno e o conhecimento trazido por ele, alimentá-lo com outros conhecimentos, permeado pelo afeto e sustentá-lo nas suas experiências cognitivas e de vida, concedendo-lhe o tempo necessário para que construa seu próprio conhecimento.

Educar é cuidar e cuidar é dar continuidade a vida, e proporcionar ao outro o desenvolvimento saudável da sua vida.

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

Portanto a auto-estima é a peça-chave fundamental que dá sentido à vida, sendo muito mais importante no processo ensino-aprendizagem do que se imagina, pois esse processo além de estar ligado à particularidade interna como o fruto do sistema límbico – prazer e aprender – está totalmente relacionado com as influências do meio externo. A auto-estima é o elo entre o gostar e o aprender, o sofrer e o aprender, o partir e o chegar, o perder e o achar. Ela está ao alcance de quem consegue enxergar, seguramente, a ponte entre o sonho e a realidade.

## 2.2. A CONSTRUÇÃO DA LEITURA NA INFÂNCIA.

A investigação sobre o desenvolvimento infantil começou a despontar e adquirir relevância em educação nos anos de 1960.

Muitos estudos também foram enfocados na análise da relação entre o nível sócio econômico e o rendimento escolar dos alunos. Os resultados das

investigações foram revelando que o nível sócio econômico, analisado em separado de fatores específicos do lar, terminava sendo um indicador fraco. Na realidade, as práticas letradas de casa que por sua vez, variavam segundo o nível sócio econômico, eram os que melhor explicavam as diferenças em relação ao rendimento escolar, o coeficiente intelectual e o desenvolvimento da linguagem (Teberosky, Gallart. 2004 ).

Crianças que estavam em um ambiente familiar alfabetizador rico, com muitas oportunidades de interação com material escrito, tendiam a apresentar um alto interesse em aprender a ler e escrever.

Um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais as crianças têm a oportunidade de participar. Se os adultos com quem as crianças convivem utilizam a escrita no seu cotidiano e oferecem a elas a oportunidade de presenciar e participar de diversos atos de leitura e de escrita, elas podem, desde cedo, pensar sobre a língua e seus usos, construindo idéias sobre como se lê e como se escreve.

As investigações realizadas sobre a contribuição familiar na alfabetização e os bons resultados obtidos, levaram países como Estados Unidos, Grã-Bretanha, Austrália, a adotarem programas de alfabetização familiar por todo o país.

Os estudos de alfabetização já demonstraram que a alfabetização é realizada também na família, na rua e em outros contextos não-escolares com todos os materiais escritos e práticos letrados que se encontram no ambiente do menino ou da menina.

Algumas vezes, o termo “ambiente alfabetizador” tem sido confundido com a imagem de uma sala com paredes cobertas de textos expostos e, às vezes, até com etiquetas nomeando móveis e objetos, como se fosse uma forma eficiente de expor as crianças à escrita. É necessário considerar que expor as crianças às práticas de leitura e escrita está relacionado com a oferta de oportunidade de participação em situações nas quais a escrita e a leitura se façam necessárias, isto é, nas quais tenham uma função real de expressão e comunicação.

A experiência com textos variados e de diferentes gêneros é fundamental para a constituição do ambiente de letramento. A seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com os diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários etc. são os modelos que se pode oferecer às crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever.

Diferentes autores assinalaram a importância das interações nos processos cognitivos de aprendizagem, assim como nos processos de alfabetização inicial de meninos e meninas com diferentes bagagens culturais.

A aprendizagem da leitura e da escrita começa muito antes da incorporação no mundo da escola, e os conhecimentos sobre a escrita e as atitudes para a leitura foram se desenvolvendo em função das interações no seio familiar. Uma das práticas estudadas foi a leitura de contos, a partir de interações entre mães e seus filhos e filhas em momento de leitura compartilhada e como as interações iniciais com os contos influíam no processo de aquisição da linguagem e na aprendizagem posterior da leitura, constituindo uma base de conhecimento.

As crianças constroem a percepção sobre suas próprias capacidades a partir da interação com as pessoas com as quais se relacionam.

A alfabetização inicial não depende tanto do melhor método, mas da quantidade e do tipo de interações das meninas e dos meninos com a cultura escrita, assim como da coordenação de todas as aprendizagens que ocorrem em suas vidas. Isso implica ir além da aula e das interações tradicionais com o docente como única via de desenvolvimento do processo de leitura e escrita. Portanto ao iniciar a educação infantil, as crianças já têm conhecimentos sobre a linguagem escrita.

Pesquisas na área da linguagem reconhecem que o processo de letramento está associado tanto à construção do discurso oral como do discurso escrito. Principalmente nos meios urbanos, a grande parte das crianças, desde pequenas, está em contato com a linguagem escrita por meio de seus diferentes portadores de texto, como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas de ônibus etc., iniciando-se no conhecimento desses materiais gráficos antes mesmo de ingressarem na instituição educativa, não esperando a permissão dos adultos para começarem a pensar sobre a escrita e seus usos. Elas começam a aprender a partir de informações provenientes de diversos tipos de intercâmbios sociais e a partir das próprias ações, por exemplo, quando presenciam diferentes atos de leitura e escrita por parte de seus familiares, como ler jornais, fazer uma lista de compras, anotarem um recado telefônico, seguir uma receita culinária, buscar informações em um catálogo, escrever uma carta para um parente distante, ler um livro de histórias etc.

A partir desse intenso contato, as crianças começam a elaborar hipóteses sobre a escrita. Dependendo da importância que tem a escrita no meio em que as crianças vivem e da frequência e qualidade das suas interações com esse objeto de conhecimento, suas hipóteses a respeito de como se escreve ou se lê podem evoluir mais lentamente ou mais rapidamente. Isso permite compreender por que crianças que vêm de famílias nas quais os atos de ler e escrever tem uma presença marcante, apresentando mais desenvoltura para lidar com as questões da linguagem escrita do que aquelas provenientes de famílias em que essa prática não é intensa.

Esse fato aponta para a importância do contato com a escrita nas instituições de educação infantil, para que seja um ambiente incentivador, dando oportunidade àquelas crianças que não tiveram em sua casa uma prática de incentivo à leitura.

Nesse caso, o professor torna-se uma referência bastante importante. Se a educação infantil trazer os diversos textos utilizados nas práticas sociais (preparar convites para as reuniões de pais, escrever uma carta para uma

criança que está ausente, lê uma notícia de jornal de interesse das crianças, etc.) para dentro da instituição, estará ampliando o acesso ao mundo letrado, cumprindo um papel importante na busca de igualdade de oportunidades.

A constatação de que as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita muito antes do que se supunha e de que elaboram hipóteses originais na tentativa de compreendê-la amplia as possibilidades de a instituição de educação infantil enriquecer e dar continuidade a esse processo. Essa concepção supera a idéia de que é necessário, em determinada idade, instituir classes de alfabetização para ensinar a ler e escrever. Aprender a ler e a escrever faz parte de um longo processo ligado à participação em práticas sociais de leitura e escrita.

A concepção tradicional em educação infantil, tinha a idéia de que a criança iniciava como ignorante, sendo uma tábua rasa. Houve uma mudança radical, quando se levou em consideração a concepção socioconstrutivista revelando o quanto esta criança já interagiu e adquiriu conhecimento antes de iniciar na escola, dependendo é claro do quanto esta família proporcionou um meio ambiente estimulante.

É portanto função do professor considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostas. Detectar os conhecimentos prévios das crianças não é uma tarefa fácil. Implica que o professor estabeleça estratégias didáticas para fazê-lo.

Entretanto o sistema escolar ainda legitima a leitura como decifração de palavras, levando o aluno a achá-la sem importância. Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não se consegue extrair o sentido.

As práticas são desmotivadoras, perversas, atividades de decodificação que em nada modificam a visão de mundo do aluno.

Em pesquisas recentes, revelam que é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos

relevantes do texto. Muitos aspectos que o aluno sequer percebeu ficam salientes nessa conversa, muitos pontos que ficaram obscuros são iluminados na construção conjunta da compreensão.

Ao conversar sobre o texto com o aluno, o professor está trazendo o aluno a interagir com o texto, criando um espaço de prazer, de vinculação com a leitura.

Segundo Solé (1998), deve-se investigar qual a idéia que o professor tem sobre a leitura, pois de acordo com as suas idéias e motivações é que ele vai projetar experiências relevantes na leitura.

É muito difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura consiga transmiti-la aos demais. As crianças e as professoras devem estar motivadas para aprender e ensinar a ler.

As atividades de leitura devem ser significativas para as crianças, só assim haverá interesse, pois elas vão se sentir vinculadas.

Atividades competitivas de leitura no qual se ganham prêmios ou se sofrem sanções não são aconselhadas por Isabel Solé, pois iriam favorecer sempre as que não tem dificuldades e as que pertencem ao outro grupo dariam um jeito de fugir e evitar participar da leitura. Para que uma criança se sinta envolvida na tarefa de leitura ou simplesmente se sinta motivada com relação a ela, precisa ter alguns indícios razoáveis de que sua atuação será eficaz, ou pelo menos, que ela não vai consistir em um desastre total.

A criança deve se sentir à vontade, sabendo que não está concorrendo, mas que o seu ritmo será respeitado. Só assim ela vai sentir disposição para avançar e conquistar.

A conquista da leitura e a prática prazerosa da própria atividade estão relacionadas com a postura do professor. Se o objetivo for verificar se o aluno conhece as letras, se automatizou as correspondências entre som e letra, se conhece o valor dos símbolos usados para pontuação, etc. Se ainda a professora exigir que a pronúncia da criança seja padrão, então os efeitos dessa exigência, podem ser desastrosas, não apenas na autoconfiança e

aspectos afetivos, mas também no desenvolvimento da compreensão, no próprio aspecto cognitivo pois ele estará preocupado com a forma, com a técnica não com a relação que está se dando com a interpretação do aluno com a leitura.

Segue abaixo duas receitas de alfabetização ilustradas por Marlene carvalho (UFRJ) para exemplificar estas duas práticas presentes na educação brasileira até os dias de hoje, sendo que a primeira receita é a mais comum:

#### Receita de Alfabetização:

“Pegue uma criança de seis anos e lave-a bem. Enxugue-a com cuidado, enrole-a num uniforme e coloque-a sentadinha na sala de aula. Nas oito primeiras semanas, alimente-a com exercícios de prontidão. Na 9ª semana, ponha uma cartilha nas mãos da criança. Tome cuidado para que a criança não se contamine no contacto com livros, jornais, revistas e outros perigosos materiais impressos. Abra a boca da criança e faça com que ela engula as vogais. Quando tiver digerido as vogais, mande-a mastigar, uma a uma, as palavras da cartilha. Cada palavra deve ser mastigada no mínimo 60 vezes, como na alimentação macrobiótica. Se houver dificuldade para engolir, separe as palavras em pedacinhos. Mantenha a criança em banho-maria durante quatro meses, fazendo exercícios de cópia. Em seguida, faça com que a criança engula algumas frases inteiras. Mexa com cuidado para não embolar.

Ao fim do 8º mês, espete a criança com um palito, ou melhor, aplique uma prova de leitura e verifique se ela devolve pelo menos 70% das palavras e frases engolidas. Se isto acontecer, considere a criança alfabetizada. Enrole-a num bonito papel de presente e despache-a para a série seguinte.

Se a criança não devolver o que lhe foi dado para engolir, recomece a receita desde o início, isto é, volte aos exercícios de prontidão. Repita a receita quantas vezes necessárias. Ao fim de três anos, embrulhe a criança em papel pardo e coloque um rótulo: “aluno renitente”.

#### Alfabetização sem receita:

“Pegue uma criança de seis anos, ou mais, no estado em que estiver suja ou limpa, e coloque-a numa sala de aula onde existam muitas coisas escritas para olhar e examinar. Servem jornais velhos, revistas, embalagens, propaganda eleitoral, latas de óleo vazias, caixas de sabão, sacolas de supermercados, enfim, tudo que estiver entulhando os armários da escola e da sua casa. Convide a criança para brincar de ler, adivinhando o que está escrito: você vai descobrir que ela já sabe muitas coisas.

Converse com a criança, troque idéias sobre quem são vocês e as coisas de que gostam e não gostam. Escreva no quadro algumas das coisas que foram ditas e não leia para ela. Peça à criança que olhe as coisas escritas que existem por aí, nas lojas, nos ônibus, nas ruas, na televisão. Escreva algumas destas coisas no quadro e leia para elas. Deixe as crianças cortarem letras, palavras e frases dos jornais velhos e não esqueça de mandá-las limpar o chão depois, pra não criar problema na escola. Todos os dias leia em voz alta para a criança alguma coisa interessante: historinha, poesia, notícia de jornal, anedota, letra de música, adivinhações. Mostre para a criança alguns tipos de coisas escritas que talvez ela não conheça: um catálogo de telefone, um dicionário, um telegrama, uma carta, um bilhete, um livro de receitas de cozinha.

Desafie a criança a pensar sobre a escrita e pense você também. Quando a criança escrever, deixe-a perguntar ou ajudar ao colega. Não se apavore se a criança estiver comendo letras: até hoje, não houve caso de indigestão alfabética. Acalme a Diretora e a Supervisora se elas ficarem alarmadas. Invente sua própria cartilha. Use sua imaginação e sua capacidade de observação para ensinar a ler. Leia e estude você também”.

PS: Se não gostar desse processo, aplique a Receita de Alfabetização.

## CONCLUSÃO

Através de várias literaturas e estudos desenvolvidos por muitos autores compreende-se a importância da família no desenvolvimento emocional de cada criança, funcionando como âncora para todos os desafios que se apresentam ao longo da vida e como base para a construção da sua estrutura emocional e cognitiva.

Os programas de alfabetização do governo, sempre têm tentado resolver problemas técnicos como oferecer escolarização aos analfabetos, colocar as crianças nas escolas, porém vemos que o problema está nas raízes; a família está doente, necessitando de orientação e apoio.

Mães colocam crianças no mundo, sem saberem sobre a importância dos primeiros cuidados maternos, por outro lado existe um problema social sério, em que elas não podem se dar ao luxo de pararem de trabalhar, por sobrevivência. Além do que também as crianças cedo vão para a rua tentar ganhar dinheiro para ajudar no sustento familiar.

Portanto a questão é mais profunda e requer apoio não só a criança mas a toda família no qual a criança está inserida. Há necessidade de terapeutas familiares para ajudarem estas famílias socialmente desprovidas de recursos econômicos, culturais, etc, a criarem um melhor ambiente para que os seus filhos se desenvolvam emocionalmente saudáveis, sem distorções da realidade e prontos para aprenderem.

As crianças com nível social menos elevado, apresentam problemas de auto-estima baixa, elas tem dificuldades para aprenderem a ler e a escrever.

Muitas dessas crianças estão nas salas de aceleração, onde os professores tentam minimizar os problemas e acelerar a aprendizagem destes alunos. O problema é que se tenta trabalhar na superfície do iceberg, sendo que a causa é mais interna.

Estas crianças têm a sua identidade distorcida, não há referencial em casa para que possam se espelhar. Mães e pais também já vêm com sua autoestima comprometida, pela falta de expectativa para a sua família, tendo que trabalhar para sobreviver, sentindo-se inferiores para conquistar e fazer com que os seus filhos conquistem.

A concepção educacional ainda é marcada por características assistencialistas, sem considerar que todos têm o mesmo direito, de crescer, de conquistar, de ter a oportunidade de construir uma família saudável.

Uma criança que não pode ser cuidada pela mãe ao nascer, nem ser amamentada porque esta tem que sair para trabalhar porque se não falta comida para os outros filhos, é sem dúvida uma grande injustiça social, é tirar desta criança a oportunidade de se desenvolver de forma saudável através dos cuidados maternos.

Crianças brasileiras enfrentam um cotidiano bastante adverso que as conduz desde muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil, ao abuso e exploração por parte de adultos. Outras crianças são protegidas de todas as maneiras, recebendo de suas famílias e da sociedade em geral todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento.

Essa dualidade revela a contradição e conflito de uma sociedade que não resolveu ainda as grandes desigualdades sociais presentes no cotidiano.

As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. Nestas interações com as pessoas que lhes são próximas, elas revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem.

A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais.

Desde o nascimento, as crianças se orientam prioritariamente para o outro, inicialmente para os adultos próximos, que lhes garantem a sobrevivência, propiciando sua alimentação, higiene, descanso etc. O bebê

nasce e cresce, pois, em íntimo contato com o outro, o que lhe possibilita o acesso ao mundo. Ele expressa seu estado de bem ou mal-estar pelas vocalizações, gestos e posturas que são percebidas, interpretadas e respondidas pelos outros, conforme aprenderam em suas experiências na cultura à qual pertencem. O bebê já nasce imerso nessa cultura.

Entre o bebê e as pessoas que cuidam, interagem e brincam com ele se estabelece uma forte relação afetiva (a qual envolve sentimentos complexos e contraditórios como amor, carinho, encantamento, frustração, raiva, culpa etc.).

Essas pessoas não apenas cuidam da criança, mas também medeiam seus contatos com o mundo, atuando com ela, organizando e interpretando para ela esse mundo. É nessas interações, em que ela é significada/interpretada como menino/menina, como chorão ou tranquilo, como inteligente ou não, que se constroem suas características. As pessoas com quem construíram vínculos afetivos estáveis são seus mediadores principais, sinalizando e criando condições para que as crianças adotem condutas, valores, atitudes e hábitos necessários à inserção naquele grupo ou cultura específica.

Em seguida, as crianças orientam-se para outras pessoas à medida que expandem seus campos de ação. Embora bem pequenas, elas também demonstram forte motivação para a interação com outras crianças. A orientação para o outro, além de lhes garantir acesso a um grande conjunto de informações que este outro lhes proporciona, evidencia uma característica básica do ser humano que é a capacidade de estabelecer vínculos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, **O cotidiano e o desenvolvimento da auto-estima**. In: Anais de XVII Congresso Nacional da AEC ( Associação de Educação Católica ) AEC – Paraná, 2001.

BRANDEN, N. **Auto-estima e os seus seis pilares**. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

CARVALHO, MARLENE. <http://páginas.terra.com.br/educação/gentefina/índiceaprov.htm>

CLEMES, HARRIS, BEAN, REYNOLD. **Crianças Seguras: Como aumentar a auto-estima das crianças**. São Paulo: Gente, 1995.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas - a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOTTMAN, JOHN. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

PICHON-RIVIÈRE, ENRIQUE. **Teoria do Vínculo**, São Paulo: Martins Fontes, 1988

SPITZ , RENÉ A., **O Primeiro Ano de Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SHINYASHIKI, ROBERTO. **A Carícia Essencial**. São Paulo: Gente, 1985.

SOIFER, RAQUEL. **Psicodinamismo da família com crianças**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SOLÉ, ISABEL. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998 .

TEBEROSKY, ANA, Soler Gallart, Marta. **Contextos de alfabetização inicial**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WINNICOTT. D.W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WINNICOTT. D.W. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.